

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE
PORTO ALEGRE**

**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM
PSICOLOGIA E SAÚDE**

Anderson Duarte Goulart

**Experiência interventiva em Grupo Psicoeducativo com Homens
Autores de Violência contra a Mulher (GPHAV)**

Porto Alegre

2022

Anderson Duarte Goulart

**Experiência interventiva em Grupo Psicoeducativo com Homens
Autores de Violência contra a Mulher (GPHAV)**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre como requisito para a obtenção do grau de Mestre.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Mariana Gonçalves Boeckel

Porto Alegre

2022

Catálogo na Publicação

Duarte Goulart, Anderson

Experiência interventiva em Grupo Psicoeducativo com Homens Autores de Violência contra a Mulher (GPHAV) / Anderson Duarte Goulart. -- 2023.

20 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Psicologia e Saúde, 2023.

Orientador(a): Mariana Gonçalves Boeckel.

1. Violência familiar. 2. Transgeracionalidade. 3. Intervenção. I. Título.

**Experiência interventiva em Grupo Psicoeducativo com Homens Autores de Violência
contra a Mulher (GPHAV)**

BANCA AVALIADORA

Dr. Adriano Beiras

Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)

Dra. Denise Falcke

Departamento de Psicologia da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos)

Dra. Sheila Gonçalves Câmara

Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
(UFCSPA)

Porto Alegre

2022

Agradecimentos

A combinação do suporte que recebi, somado às ricas oportunidades que pude usufruir permitiram que me esforçasse para entregar um trabalho do qual tenho grande orgulho. As produções apresentadas a seguir são o resultado do carinho e sabedoria de todos que me acompanharam ao longo desses anos de vida.

Inicio agradecendo especialmente aos meus pais, Antônio e Miriam, que compõem a minha base mais fundamental, eternamente dispostos a ajudar, confiar e respeitar as minhas escolhas e decisões. Sentir que faço parte de uma família tão dedicada me transborda de alegria e segurança para encarar os desafios da vida sabendo que sempre tenho com quem contar. Juntinho a essa família construo também a minha própria, da qual tenho meu marido Matheus a agradecer, o suporte fundamental em todos os passos desse caminho, cuja coragem, generosidade e comprometimento me inspiram diariamente. Agradeço meus grandes amigos, os psicólogos Adams Friedemann e Willian Krüger, incondicionalmente ao meu lado, e a genial Juliana Gomes, parceira fundamental nesta jornada acadêmica.

Agora dedico um espaço especial para a professora que me ensinou por meio de orientações, mas principalmente por meio de sua presença, e sua vivência. Agradeço profundamente à minha orientadora Dr^a Mariana Boeckel pelo exemplo de força, dedicação, e sobretudo de amor pelo que faz, e por quem faz. A gratidão que tenho pelo acolhimento incondicional desde o primeiro dia de tutoria da graduação, até esse momento de finalização do Mestrado não há palavras que descrevam. A confiança e o “pensar grande” desde o início, mesmo entre tantas adversidades que honestamente são difíceis até de acreditar, possibilitaram essa nossa conquista hoje. Sempre falo que se for um psicólogo e uma pessoa 1/10 de quem é a “Mari”, estou mais do que satisfeito.

Também agradeço profundamente a universidade federal e tudo representado por ela. Fazer Ciência hoje é um ato de resistência política em nosso país, que não seria possível sem a UFCSPA e a dedicação de seus funcionários. Outra instituição fundamental para a execução dessa dissertação é o Tribunal de Justiça do RS junto ao Foro Central de Porto Alegre. Dedico um carinho especial à psicóloga Ivete Vargas, que me acolheu com entusiasmo e confiança, oferecendo a oportunidade de conhecer e me apaixonar pela prática de facilitação de grupos reflexivos com homens autores de violência. Agradeço também à Juíza Dr^a Madgéli Frantz Machado que por meio de sua ousadia, no mais admirável sentido da palavra, e desejo de mudança possibilitou a criação de ações a partir do Projeto Borboleta que promovem a saúde de milhares de pessoas em situação de violência.

Por fim, agradeço a todos os homens participantes da pesquisa que compõem esta dissertação. O contexto difícil no qual todos se encontravam não impediu que se vinculassem e contribuíssem para a Ciência em um projeto tão nobre, mas igualmente desafiador para quem participa. A todos citados, e também aos não citados, mas igualmente fundamentais para a minha formação pessoal e profissional até aqui, um muito obrigado de coração.

Resumo

A violência por parceiro íntimo (VPI) causa danos devastadores à sociedade por meio de uma combinação de fatores: individuais, diádicos, transgeracionais e sobretudo socioculturais. A estrutura patriarcal reforça a desigualdade de gênero e cerceia a liberdade de homens e mulheres violentando-as das mais distintas formas. Devido às amplas proporções do fenômeno é imprescindível que ações interventivas com a população afetada sejam pesquisadas e implementadas por meio de políticas públicas. Dentre elas, destacam-se os grupos reflexivos e psicoeducativos para homens autores de violência. Mediante a complexidade do fenômeno, considera-se fundamental a inclusão dos homens no combate a VPI. Para isso, a presente dissertação objetiva apresentar o protocolo GPHAV-Piloto e descrever sua aplicação em um grupo de homens acusados de violência contra a mulher; assim como analisar a construção transgeracional do uso da violência e da expressão da raiva nessa população. Utiliza-se uma metodologia qualitativa para alcançar ambos objetivos, associada a ferramenta de análise temática reflexiva. Conclui-se que a intervenção proposta no protocolo GPHAV-Piloto demonstrou ser apropriada para a população, promovendo ações que visam a tomada de responsabilidade e reflexão acerca de suas concepções de masculinidade. Também foram identificados quatro temas fundamentais para a discussão do processo de transgeracionalidade da violência: experiência da violência intrafamiliar na família de origem; impactos deletérios transgeracionais da violência; resistência ao uso da violência no dia a dia e reflexões acerca da masculinidade. Esses resultados reforçam a urgência de políticas que contemplem a multifatorialidade do fenômeno a nível social.

Palavras-chave: violência por parceiro íntimo, transgeracionalidade, programa de intervenção

Abstract

Intimate partner violence (IPV) causes devastating damage to society through a combination of factors: individual, dyadic, transgenerational and, above all, sociocultural. The patriarchal structure reinforces gender inequality and restricts the freedom of men and women, violating them in different ways. Due to the large proportions of the phenomenon, it is imperative that interventional actions with the afflicted population are researched and implemented through public policies. Among them, stands out reflective and psychoeducational groups for male perpetrators of violence. Due to the complexity of the phenomenon, the inclusion of men in the fight against IPV is considered essential. For this, the present dissertation aims to present the GPHAV-Pilot protocol and describe its application in a group of men accused of violence against women; as well as analyzing the transgenerational construction of the use of violence and the expression of anger in this population. A qualitative methodology is used to achieve both objectives, associated with a reflective thematic analysis tool. It is concluded that the intervention proposed in the GPHAV-Pilot protocol proved to be appropriate for the population, promoting actions aimed at accountability and reflection of their conceptions of masculinity. Four fundamental themes were also identified for the discussion of the transgenerational process of violence: experience of intra-family violence in the family of origin; deleterious transgenerational impacts of violence; resistance to the use of violence in everyday life and thoughts on masculinity. These results reinforce the urgency of policies that address the multifactorial nature of the phenomenon at a social level.

Keywords: intimate partner violence, transgenerationality, intervention protocol

SUMÁRIO

1	APRESENTAÇÃO	8
2	INTRODUÇÃO	10
3	CONCLUSÃO	18

Apresentação

Por meio dessa apresentação situa-se a presente dissertação e suas produções, assim como, o relato da trajetória do autor candidato à graduação de Mestre. As temáticas de violência e conjugalidade são muito caras a mim, em níveis tanto pessoais quanto profissionais, ajudando a definir minha trajetória acadêmica. O estudo acerca do universo conjugal e familiar destacou-se dentre as diversas temáticas abordadas ao longo da graduação, ao mesmo tempo que a perspectiva teórica sistêmica passou a fundamentar minha visão de mundo. Em seguida, através de uma disciplina eletiva com as professoras Dras. Mariana Boeckel e Clarissa De Antoni, o atravessamento da violência e vulnerabilidade agregou uma nova nova camada de entendimento à complexidade das relações afetivas humanas.

Desde então, por meio de uma oportunidade de atuar no Projeto Borboleta voltado para o acolhimento de mulheres vítimas de violência por parceiro íntimo (VPI), no Fórum Central de Porto Alegre, fez-se presente a aproximação prática e experiencial desse fenômeno. Graças às oportunidades oferecidas neste espaço foi possível conhecer e atuar nas ações interventivas de grupos reflexivos de gênero conduzidos há mais de dez anos na instituição. O crescente interesse na abordagem e seus motivadores desafios alimentaram o desejo de utilizar dessa prática no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da graduação.

Frente à ambiciosa ideia de construção e avaliação de um protocolo interventivo com homens autores de violência contra a mulher, iniciou-se a jornada em pesquisa associada a prática interventiva. tive o imenso prazer de aproximar-me da genial professora Mariana Boeckel e de minha incrível parceira de graduação Juliana Gomes. Trabalhamos juntos no TCC e realizamos também uma revisão sistemática embasando o protocolo que veio a ser a versão piloto do Grupo Psicoeducativo com Homens Autores de Violência contra a Mulher

(GPHAV-Piloto). Após uma série de aprimoramentos e adaptações junto às demais competentes e generosas profissionais da área que compõem o grupo de pesquisa Famílias & Contextos, concretizou-se o atual GPHAV e sua versão *online* GPHAV-Online.

A trajetória culmina na presente dissertação composta pelas seguintes seções: introdução; (I) artigo em formato de relato de experiência profissional descrevendo em detalhes o protocolo GPHAV-Piloto em sua versão presencial, discutindo e levantando por meio da articulação com a literatura os temas de relevância central para a intervenção; (II) artigo qualitativo voltado às questões transgeracionais da VPI, utilizando-se da análise temática reflexiva a partir dos relatos de história de vida dos participantes das edições dos grupos *online* analisados; conclusão geral acerca das produções que compõem a presente dissertação e Apêndice, contendo o capítulo de livro já publicado, o qual detalha o protocolo da modalidade *online* (GPHAV-Online) e sua viabilidade e implicações na prática interventiva com a população de HAV.

Introdução

Enquanto cidadãos somos, ao mesmo tempo, sujeitos e objetos dos mais diversos fenômenos, possibilitando que questões sociais sejam vivenciadas individualmente, e experiências individuais componham o social (Minayo, 1994). Dessa forma, quando refere-se a problemáticas complexas como a violência é fundamental uma perspectiva dinâmica e contextual, considerando os mais diversos atravessamentos: políticos, econômicos, morais, do Direito, da Psicologia, das relações humanas e institucionais, e questões individuais.

A violência, por definição, pode ser compreendida enquanto o uso intencional da força física ou poder, direcionada a alguém ou a algo, tendo possibilidade de causar lesão, morte, dano psicológico ou privação (Krug et al., 2002). Contudo, a violência ainda é estrutural, transgeracional e, fundamentalmente social. Sendo ela inerente às relações sociais, considera-se que a desigualdade em suas mais diversas manifestações no contexto urbano desempenha um papel fundamental (Weyrauch, 2011). Por meio das desigualdades, explicita-se o direcionamento dos atos violentos, que seguem uma ordem e estrutura social, econômica e histórica, partindo do mais privilegiado, ao mais vulnerável.

Já no que tange ao espaço no qual essa violência ocorre, assim como a tipificação de seus perpetradores, cabem outras classificações, como a violência interpessoal comunitária. Esta é definida pela OMS como aquela manifestada entre indivíduos sem uma relação de parentesco, ocorrendo em espaços públicos e institucionais (Krug et al., 2002). Por outro lado, ao considerarmos um recorte de desigualdade distinto, destacando o machismo e as questões de gênero, a violência passa a reverberar dentro do lar. Dessa forma, circundado por uma estrutura patriarcal, temos a violência por parceiro íntimo (VPI) e a violência contra a criança e o adolescente, sendo a última perpetrada majoritariamente (84%) por seus

cuidadores primários no Brasil (Disque 100, 2021). A representação gráfica da complexa interação dessas distintas apresentações da violência pode ser vista na Figura 1.

Figura 1

Representação interacional entre violências atravessadas por gênero



O último relatório global da Organização Mundial da Saúde sobre violência contra as mulheres (2021) estima que cerca de um terço das mulheres entre 15 e 49 anos já sofreram violência física ou sexual por parte de seus parceiros. Este fenômeno está inserido no contexto de VPI, compreendida enquanto qualquer comportamento violento dentro de um relacionamento afetivo, prejudicando seu parceiro nas esferas física, sexual, psicológica, patrimonial ou moral (WHO, 2021). Embora possa ser um fenômeno bidirecional, é fundamental destacar a vulnerabilidade das mulheres, reforçada, por exemplo, pelos altos índices de feminicídio no contexto doméstico. O feminicídio é conhecido como o assassinato de mulheres motivado por gênero, e tem grande destaque em países como o Brasil, onde foram registrados 1.341 casos em 2021, a maioria (81,7%) deles perpetrados por um parceiro íntimo atual, ou anterior (FBSP, 2022).

Reconhecendo a gravidade desse fenômeno para a saúde da mulher, políticas públicas e intervenções voltadas para vítimas de VPI têm sido amplamente implementadas e apresentam sucesso moderado na prevenção de recorrência (Trabold et al., 2018). No Brasil, a principal legislação contemplando o fenômeno é a lei Maria da Penha (Lei nº 11.340), sancionada em 7 de agosto de 2006. No entanto, ainda que tratar e amparar diretamente às mulheres vítimas de violência seja fundamental, a complexidade da VPI exige um amplo leque de ações, sendo indispensável intervir também com a população masculina de autores de VPI (Beiras et al., 2021; Wilson et al., 2021).

Compondo essa complexidade está o atravessamento social de gênero que atua como pilar principal ancorando as demais variáveis presentes no fenômeno por meio da desigualdade. Na cultura ocidental, a socialização do homem é intimamente associada à dominação, a fim de reforçar dinâmicas de poder patriarcais que operam diminuindo a figura da mulher e do que é considerado feminino (Beiras et al., 2021; Santos et al., 2021). Um dos mecanismos para atingir esse objetivo é a naturalização do uso da violência por parte do homem, compondo uma masculinidade hegemônica opressora a todos, limitando suas vivências e aumentando o risco de violência na família.

O conceito de masculinidade hegemônica abarca o conjunto de regras sociais estabelecidas em um determinado recorte de tempo, construídas para legitimar as desigualdades de gênero (Messerschmidt, 2019). Predominando esses modelos, não há espaço para a expressão emocional no universo masculino. A promoção de características violentas no desenvolvimento do que é ser homem, priva-o de expressar sentimentos culturalmente associados à vulnerabilidade, como a tristeza e o medo, treinando-o desde jovem a reprimir, ao invés de regular o que está sentindo (Santos et al., 2021).

Evidenciam-se, portanto, dois aspectos: (I) a interação recursiva entre sujeito e sociedade por meio de diretrizes patriarcais que compõe sua subjetividade e sua vida social, e

(II) a consequente lacuna em repertórios essencialmente humanos, porém não permitidos no modelo hegemônico de masculinidade. Aspectos voltados principalmente à expressão emocional, reforçando o uso da violência como recurso válido, e tolhendo alternativas não violentas. Dessa forma, ações interventivas voltadas para homens autores de violência contra a mulher (HAV) precisam contemplar ambos aspectos para gerar mudanças significativas (Beiras et al., 2021).

Entre os programas para HAV com maior representação na literatura, Beiras et al. (2021), autor da coleção “Grupos para homens autores de violência contra as mulheres no Brasil: experiências e práticas”, em parceria com o Tribunal de Justiça de Santa Catarina, destaca os grupos psicoeducativos e reflexivos para homens, que procuram promover a auto-reflexão visando a responsabilização perante os seus atos violentos (Beiras et al., 2021). Esses programas variam em bases teóricas, em sua maioria inclinando-se para uma abordagem feminista, de orientação cognitivo-comportamental, ou uma combinação de ambos, sem consenso sobre a duração adequada da intervenção, podendo variar de 8 a 55 semanas, em média (Goulart et al., 2020; Wilson et al., 2021).

A diversidade dos programas e seus heterogêneos processos de avaliação de eficácia, bem como a intrínseca complexidade da VPI, são fatores que nos auxiliam a compreender os desafios de aferir precisamente o impacto dessas intervenções. A meta-análise de Wilson et al. (2021) indica que a eficácia geral dos programas para HAV na literatura ainda é inconclusiva. Os resultados apontam menores taxas de reincidência para homens que terminam os programas em comparação à grupos sem intervenção, no entanto, a partir dos relatos das parceiras desses participantes não há diminuição significativa na perpetração de VPI.

Em contrapartida, Ferrer-Perez et al. (2018) aponta que a maioria dos principais estudos publicados utiliza apenas as taxas de reincidência como critério de eficácia, o que

pode ser insuficiente considerando a complexidade da VPI. Além disso, aferir apenas essa variável prova-se pouco valioso para a compreensão do possível processo de mudança presente, não fornecendo as informações necessárias para melhorar a qualidade dos programas (Beiras et al., 2021; Ferrer-Perez et al., 2018). Os autores reforçam, portanto, a importância de incluir aferições de múltiplos construtos relevantes para as intervenções, como distorções cognitivas sexistas, regulação emocional, entre outros.

Além das análises quantitativas, um dos principais recursos para compreender como ocorrem os processos de mudança nos programas para HAV é por meio de análises qualitativas das intervenções e o que as compõem (Holtrop et al., 2017). Oliveira e Scorsolini-Comin (2021) identificam por meio de entrevistas pré e pós intervenção que os grupos se tornaram um espaço de acolhimento e reflexão considerando mudanças nos discursos dos 14 participantes que finalizaram a intervenção acerca de: violência, relações conjugais, Lei Maria da Penha e em relação ao próprio engajamento no grupo reflexivo.

Os resultados de Oliveira e Scorsolini-Comin (2021) vão ao encontro de Holtrop et al. (2017) que atribuem essas mudanças principalmente a diversidade presente no contexto grupal, facilitando mudanças individuais em um ciclo recíproco, construindo e sustentando um ambiente promotor de reflexões. Já Kilgore et al (2019) reforçam que embora sejam capazes de gerar mudanças no discurso, os aspectos de ordem social e histórica relacionados a questões de gênero constituem profundamente a subjetividade dos participantes, de forma que o alcance das intervenções muitas vezes não é capaz de contemplar. Considerando o amplo corpo de produções científicas na área, e a vasta heterogeneidade de resultados, é importante que os estudos envolvendo essa modalidade interventiva busquem contemplar sua complexidade nas escolhas de mensuração de efetividade, sendo fundamental o detalhamento na descrição dos protocolos utilizados, assim como seus instrumentos de avaliação (Velonis et al., 2018).

Buscando contemplar esses critérios e contribuir empiricamente para a produção científica na área, Goulart et al. (2020) desenvolveram o protocolo do Grupo Psicoeducativo com Homens Autores de Violência Contra a Mulher (GPHAV) em 2019 com base no conhecimento estabelecido na literatura nacional e internacional por meio de revisão sistemática. Face à pandemia de covid-19 em 2020, foi posteriormente desenvolvida uma versão *online* (GPHAV-Online). A intervenção fundamentalmente baseia-se em uma visão sistêmica relacional, buscando contemplar os múltiplos fatores envolvidos na VPI: aspectos sociais, relacionais e individuais. Sua versão *online* conta com 9 encontros semanais de 1h 45min, por meio da plataforma *Google Meet*.

Ao longo desta dissertação desenvolvem-se dois artigos: o primeiro abordando a apresentação do protocolo de intervenção em seu modelo piloto presencial (GPHAV-Piloto), e o segundo com a análise temática de um recorte da intervenção no que tange a transgeracionalidade. Também inclui-se em apêndice um capítulo apresentando e discutindo a versão *online* do protocolo de intervenção (GPHAV-Online).

Referências

- Beiras, A., Martins, D. F. W., Sommariva, S. S. & Hugill, M. S. G. (2021). Grupos reflexivos e responsabilizantes para homens autores de violência contra mulheres no Brasil: Mapeamento, análise e recomendações. Poder Judiciário de Santa Catarina. <http://www2.tjsc.jus.br/web/academia-judicial/ebook/mapeamento-1.pdf>
- Disque 100. (2021, 14 de julho). 81% dos casos de violência contra crianças e adolescentes ocorrem dentro de casa. *Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (ONDH/MMFDH)*. <https://www.gov.br/mdh/pt-br/assuntos/noticias/2021/julho/81-dos-casos-de-violencia-contra-criancas-e-adolescentes-ocorrem-dentro-de-casa>

- FBSP. (2022). *16º Anuário Brasileiro de Segurança Pública*.
<https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2022/06/anuario-2022.pdf?v=5>
- Goulart, A. D., Gomes, J. M., & Boeckel, M. G. (2020). Intervenções com Homens Acusados de Violência por Parceiro Íntimo: Revisão Sistemática da Literatura. *Contextos Clínicos*, *13*(1), 270-292. <https://doi.org/10.4013/ctc.2020.131.13>
- Holtrop, K., Scott, J. C., Parra-Cardona, J. R., McNeil Smith, S., Schmittel, E., & Larance, L. Y. (2017). Exploring factors that contribute to positive change in a diverse, group-based male batterer intervention program: Using qualitative data to inform implementation and adaptation efforts. *Journal of interpersonal violence*, *32*(8), 1267-1290.
- Kilgore, C. D., Lehmann, P., & Voth Schrag, R. (2019). Discourse after a batterer intervention program: A qualitative analysis of “Letters from the future”. *Violence against women*, *25*(5), 593-613. <https://doi.org/10.1177/1077801218794296>
- Krug, E. G., Mercy, J. A., Dahlberg, L. L., & Zwi, A. B. (2002). The world report on violence and health. *The lancet*, *360*(9339), 1083-1088.
[https://doi.org/10.1016/S0140-6736\(02\)11133-0](https://doi.org/10.1016/S0140-6736(02)11133-0)
- Messerschmidt, J. W. (2019). The salience of “hegemonic masculinity”. *Men and masculinities*, *22*(1), 85-91. <https://doi.org/10.1177/1097184X18805555>
- Minayo, M. C. D. S. (1994). Violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de saúde pública*, *10*, S7-S18. <https://doi.org/10.1590/S0102-311X1994000500002>
- Santos, D. F., Lima, R. D. C. D., Demarchi, S. M., Barbosa, J. P. M., Cordeiro, M. V. D. S., Sipioni, M. E., & Andrade, M. A. C. (2021). Masculinidade em tempos de pandemia: onde o poder encolhe, a violência se instala. *Saúde e Sociedade*, *30*, e200535.
<https://doi.org/10.1590/S0104-12902021200535>

- Oliveira, J. D., & Scorsolini-Comin, F. (2021). Percepções sobre intervenções grupais com homens autores de violência contra as mulheres. *Psicologia & Sociedade*, 33. <https://doi.org/10.1590/1807-0310/2021v33221163>
- Trabold, N., McMahon, J., Alsobrooks, S., Whitney, S., & Mittal, M. (2018). A systematic review of intimate partner violence interventions: State of the field and implications for practitioners. *Trauma, Violence, & Abuse*, 21(2), 311-325. <https://doi.org/10.1177/1524838018767934>
- Velonis, A. J., Mahabir, D. F., Maddox, R., & O'Campo, P. (2018). Still looking for mechanisms: A realist review of batterer intervention programs. *Trauma, Violence, & Abuse*, 21(4), 741-753. <https://doi.org/10.1177/1524838018791285>
- Weyrauch, C. S. (2011). Violência urbana. *Dimensões*, (27). <https://periodicos.ufes.br/dimensoes/article/view/2580/2076>
- Wilson, D. B., Feder, L., & Olaghere, A. (2021). Court-mandated interventions for individuals convicted of domestic violence: An updated Campbell systematic review. *Campbell Systematic Reviews*, 17(1), e1151. <https://doi.org/10.1002/cl2.1151>
- WHO. (2021). *Violence against women prevalence estimates, 2018: global, regional and national prevalence estimates for intimate partner violence against women and global and regional prevalence estimates for non-partner sexual violence against women*. <https://www.who.int/publications/i/item/9789240022256>

Conclusão

Por meio das produções que compõem a presente dissertação evidencia-se sobretudo a complexidade do fenômeno da violência por parceiro íntimo, o qual impõe um desafio em escala global de urgente prevenção e combate. A conjugalidade por si só apresenta infinitos desfechos em termos de saúde e vulnerabilidades, combinando aspectos individuais, relacionais e contextuais em uma rede que tangencia todos os demais aspectos da vida em sociedade. Dessa forma, a VPI está intimamente relacionada a estruturas de poder atravessadas por gênero, desigualdade e violência, e enquanto fenômeno inerentemente humano e social, torna-se um campo fundamental de atuação da Psicologia para prevenção e promoção de saúde, alvo desta dissertação.

Para tal, compreendeu-se necessária uma abordagem relacional e sistêmica que contemplasse variáveis historicamente negligenciadas, como as intervenções com homens autores de violência contra a mulher (HAV). Nesse contexto surge a motivação e a oportunidade de intervir com essa população por meio de uma abordagem grupal. Esse trabalho vem acompanhando minha trajetória acadêmica e pessoal desde 2017 por meio de um projeto de extensão que permitiu a inserção nesse contexto ao mesmo tempo tão recompensador e desafiador. Através dessa prática foram desenvolvidas, portanto, as produções apresentadas no trabalho de conclusão de curso em 2019 até a atual dissertação de mestrado. Ao longo das experiências relatadas na presente dissertação destaca-se a promissora potencialidade transformadora das práticas com essa população, tanto do ponto de vista dos resultados obtidos, quanto do crescimento pessoal e profissional dos pesquisadores.

Através de um contexto acolhedor e reflexivo evidencia-se o grande potencial de ação de grupos sobre masculinidades, visando construir alternativas à masculinidade única e hegemônica, redefinindo inclusive a relação dos homens com as mulheres e feminidades,

procurando interromper os ciclos de violências motivadas por gênero. Identifica-se na história de vida de muitos desses participantes uma série de violências sofridas no contexto doméstico e familiar, e sobretudo uma privação de espaço para reflexão no que tange estereótipos de gênero e todos os seus desdobramentos na constituição subjetiva do sujeito e suas relações interpessoais. Considera-se fundamental, portanto, que esse processo ocorra em espaços seguros e com suporte de profissionais capacitados, para que sejam acolhedores, porém, instiguem a responsabilização das violências cometidas na vida adulta.

Da mesma forma, emergem desafios igualmente significativos. Dentre os diversos obstáculos também característicos das ações com HAV estão aspectos das mais diversas ordens: estruturais, institucionais, contextuais, grupais e individuais. A lógica majoritariamente punitiva do sistema judicial perverte muitas das ações na direção da promoção de saúde, adicionando mais camadas de complexidade às já existentes. Intensificando, assim, as inerentes resistências psicológicas das populações alvo de suas ações. Para além disso, a inserção da perspectiva científica e empírica, tão fundamental em ações de nível social e de sensível profundidade psicológica como os grupos para HAV, torna-se ainda mais árdua em função desses atravessamentos institucionais.

No entanto, através dos desafios também são descobertas potencialidades. Destaca-se aqui o cenário pandêmico que impactou profundamente a população a partir do ano de 2020 no Brasil, trazendo também consigo a necessidade de ampliação das ações interventivas para dentro dos lares dos participantes por meio da tecnologia. A adaptação virtual do protocolo desenvolvido pelos autores da dissertação provou-se viável e promissora, apresentando-se como um recurso com diversos ganhos, surpreendendo positivamente as expectativas da equipe. Se viram presentes aspectos fundamentais como a vinculação grupal, a expressão de emoções e perspectivas por parte dos participantes.

Para que essas iniciativas tão importantes tornem-se cada vez mais presentes e de alta qualidade científica, as produções apresentadas aqui buscam suprir uma demanda crucial na literatura nacional e internacional através da descrição crítica e detalhada das intervenções e de seus desdobramentos. Para além dessas, salienta-se sobretudo a contribuição social das ações realizadas. As graves estatísticas de violência contra a mulher urgem a ampliação de ações concretas e comprovadamente eficazes de prevenção e promoção de saúde para lares em contextos de violência e vulnerabilidade intrafamiliar. O fenômeno de VPI prova-se extremamente cruel e persistente, no entanto, os resultados encontrados evidenciam que diferentemente da punição e reprodução de ações violentas, a real mudança necessária ocorre em nível social através do amparo, reflexão e responsabilização de todos os envolvidos direta e indiretamente por ele.